



**EIXO TEMÁTICO:**

- |   |  |  |
|---|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade      | <input checked="" type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania          |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade     | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade                 | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade |  |  |

## **Arquitetura da violência e sua influência no espaço urbano: O caso de Montes Claros/MG**

*The Architecture of violence and its influence in the urban space: The Case of Montes Claros/MG*

*Arquitectura de la violencia y su influencia en el espacio urbano: el caso de Montes Claros / MG*

MOURA, Antônio Augusto Pereira (1);

BORÉM, Letícia Santos (2)

(1) Professor Mestre, Faculdade Santo Agostinho, Doutorando, PUC-MG, Geografia - tratamento da Informação Espacial, Montes Claros, MG, Brasil; email: antonioapmoura@gmail.com

(2) Graduanda, Faculdade Santo Agostinho, Montes Claros, MG, Brasil; email: letborem@hotmail.com

## **Arquitetura da violência e sua influência no espaço urbano: O caso de Montes Claros/MG**

*The Architecture of violence and its influence in the urban space: The Case of Montes Claros/MG*

*Arquitectura de la violencia y su influencia en el espacio urbano: el caso de Montes Claros / MG*

### **RESUMO**

Esta pesquisa ressalta as transformações que a violência proporciona na arquitetura e no espaço urbano atual e as implicações que tais transformações geram na sociedade de maneira geral, levando-se em conta seus reflexos na percepção do espaço, além de avaliar dentro dos conceitos pré-estabelecidos a situação da arquitetura da violência na cidade Montes Claros/MG. Para este estudo, foi pesquisada toda a conceituação do termo arquitetura da violência, suas formas de manifestação e suas implicações no espaço. Além disso, utilizou-se de análises comparativas da cidade de Montes Claros através de fotografias que retratam como a arquitetura e a cidade foram influenciadas pela violência, comparando-se a caracterização de algumas edificações no ano de 1996 e no ano de 2013. Foram escolhidos dois bairros da cidade, um com predominância da classe alta e outro de classe média para que se pudesse analisar o crescimento da arquitetura da violência em ambas as situações e mostrar como a violência cresceu e modificou a paisagem urbana em toda a cidade. A constatação da ocupação pelos loteamentos fechados é outro ponto levantado no trabalho como resultado deste crescimento da violência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arquitetura da violência, Espaço urbano, Violência, Paisagem Urbana, Loteamentos Fechados

### **ABSTRACT**

*This research highlights the transformation violence provides in architecture and in the current urban space and the implications that such transformation causes in society, considering its impact on the perception of space, and to evaluate within the pre-established concepts the situation of the architecture of violence in Montes Claros/MG. In order to realize this study, it was investigated all definitions of the term architecture of violence, its manifestation forms and its implications on space. Besides, a comparative analysis of Montes Claros was made through photographs showing how the architecture and city were influenced by violence, comparing some edification's characteristics between the years of 1996 and 2013. Two neighborhoods were chosen in the city, one in which high class was the majority while the other was middle class, thus it was possible to analyze the growth of the architecture of violence in both situations and show how violence grew and changed the urban landscape throughout the city. The occupation by closed allotments as a result of the violence expansion is another point investigated in this work.*

**KEY-WORDS:** Architecture of violence, Urban space, Violence, Urban Landscape, Closed allotments

### **RESUMEN**

*Esta investigación pone de relieve las transformaciones que la violencia ofrece la arquitectura y el espacio urbano actual y las implicaciones de estos cambios generan en la sociedad en general, teniendo en cuenta su impacto en la percepción del espacio y evaluar dentro de los conceptos pre - establecidos la situación de violencia en la arquitectura de la ciudad de Montes Claros / MG. Para este estudio, se realizaron búsquedas en toda la definición de la arquitectura del período de la violencia, sus manifestaciones y sus implicaciones en el espacio. Además, hemos utilizado el análisis comparativo de Montes Claros a través de fotografías que muestran cómo la arquitectura y la ciudad fueron*

*influenciadas por la violencia, la comparación de la caracterización de algunos edificios en 1996 y en 2013. Dos barrios de la ciudad, con predominio de la clase alta y otra de clase media se eligieron de manera que se podría analizar el crecimiento de la arquitectura de la violencia en ambas situaciones y mostrar cómo la violencia creció y cambió el paisaje urbano de la ciudad. El hallazgo de ocupación por parcelas cerradas es otra cuestión planteada en el trabajo como resultado de este aumento de la violencia.*

**PALABRAS-CLAVE:** *Arquitectura de la violencia, el espacio urbano, Violencia, Vista de población, Asignaciones cerradas*

## 1 INTRODUÇÃO

Muitas mudanças acontecem no cotidiano da sociedade brasileira por conta do aumento da violência nas cidades. Esse crescimento na criminalidade e na violência, que é diariamente enfatizado pelas mídias, gera um grande medo, o que a faz querer buscar maneiras de se proteger em todos os lugares e a todo momento. Em consequência disso, a arquitetura e a paisagem urbana se transformam, gerando o termo arquitetura da violência ou arquitetura do medo (FERRAZ, 2005). Como arquitetura do medo, entende-se toda manifestação na arquitetura que está relacionada com esses novos arranjos sociais nas cidades provocados pela violência. A segurança privada aumenta em detrimento do conforto nas edificações, e a arquitetura acaba perdendo parte da sua função social e também de sua estética com essas mudanças. Há uma “medievalização” da arquitetura contemporânea, que consiste no resgate de algumas características e valores da época medieval, introduzindo-as na arquitetura, tudo por consequência do pânico que assola os cidadãos. (FERRAZ, 2009)

A arquitetura da violência está ligada primeiramente à um contexto material de mudanças físicas na arquitetura como as grades, os muros, as cercas elétricas, as concertinas, porém, a concepção de arquitetura da violência aborda, principalmente, as relações desses métodos de proteção com a sociedade e explicita que há uma ligação direta entre a segregação social e a cultura da violência, fato que resulta na arquitetura da violência (TAVARES, 2012). A utilização desses métodos físicos de proteção a partir de equipamentos de segurança não passa apenas de uma consequência e uma materialização das condições de relações humanas da sociedade e de como a violência e a barbárie estão sendo tratadas na atualidade.

Além disso, o termo arquitetura da violência possui uma certa dualidade nessa questão social. Assim como a arquitetura da violência quer proteger as pessoas do perigo e da violência, ela também acaba por provocar violência através da segregação social. A arquitetura da violência segrega tanto quem é sua vítima quanto quem a utiliza. Sobre essa questão da segregação social causada pela arquitetura da violência Caldeira (1997) utilizou o termo enclaves fortificados:

Os enclaves fortificados conferem status. A construção de símbolos de status é um processo que elabora diferenças sociais e cria meios para a afirmação de distância e desigualdades sociais. Os enclaves são literais na sua criação e separação. São claramente demarcados por todos os tipos de barreiras físicas e artifícios de distanciamento e sua presença no espaço da cidade é uma evidente afirmação de diferenciação social. (CALDEIRA, 1997, pg. 259)

Outra questão a ser abordada é a forma como a chamada indústria do medo interfere na arquitetura da violência e nos efeitos da mesma. A indústria do medo é a indústria que vê na violência e no medo, a oportunidade de comercialização de espaços auto segregativos de segurança privada (MOREIRA, 2003). E é com influência dessa indústria do medo e também da mídia, que a sociedade sente medo e toma atitudes que englobam a arquitetura da violência

para se protegerem. Não se pode negar que a violência e os crimes são uma realidade atual e que são recorrentes na vida urbana atual, porém, existe um certo exagero por parte dessa indústria, trazendo mais consumo dos produtos de proteção e, conseqüentemente, mais lucro para quem se beneficia de tal situação. Portanto, para a indústria do medo, o pânico gerado pela violência existente na população é favorável e deve ser sempre enfatizado. “Uma fatia significativa do mercado imobiliário e da indústria de equipamentos e materiais de segurança depende da manutenção e da disseminação desse estado de pânico para manter a boa lucratividade de seus negócios”. (FERRAZ, 2002).

Nesta pesquisa será avaliada a forma como a arquitetura da violência se dá na cidade de Montes Claros – MG. Será mostrado como esse tipo de arquitetura vem crescendo no município e quais locais e condições ela está sendo implantada de acordo com os estudos já desenvolvidos sobre o assunto em outros municípios brasileiros.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO

A arquitetura da violência e seus efeitos no âmbito social e urbano já vem sendo estudada em algumas cidades brasileiras. Sobre a arquitetura da violência em si, Ferraz (2009) apresenta como a forma de se proteger vem alterando a arquitetura nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo e discute a “medievalização” que a arquitetura contemporânea brasileira vem sofrendo quando assume essa identidade de proteção contra a violência atual.

Também sobre a segregação das pessoas em consequência do medo causado pela violência, Caldeira (1997) tratou sobre o termo enclaves fortificados:

Enclaves fortificados são espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer ou trabalho. Esses espaços encontram no medo da violência uma de suas principais justificativas e vêm atraindo cada vez mais aqueles que preferem abandonar a tradicional esfera pública das ruas para os pobres, os “marginais” e os sem-teto. (CALDEIRA, 1997, pg.155)

Com esta definição, a autora mostra como a segregação social nas cidades vem sendo causada por eles e a forma como o espaço urbano vem sendo modificado como consequência do uso de tais artifícios.

Enclaves fortificados geram cidades fragmentadas em que é difícil manter os princípios básicos de livre circulação e abertura dos espaços públicos que serviram de fundamento para a estruturação das cidades modernas. Conseqüentemente, nessas cidades o caráter do espaço público e da participação dos cidadãos na vida pública vem sendo drasticamente modificado. (CALDEIRA, 1997, pg.155)

Ainda afirmando tais fatos relacionados aos enclaves fortificados, violência urbana, segregação social e transformações no espaço urbano decorrentes desses processos, Rolnik (2008) enfatiza que “A antiga dualidade centro-periferia se desfez, para dar lugar a uma nova: lugares seguros *versus* lugares violentos”. Além disso, Rolnik analisa o impacto e as conseqüências causadas por essa mudança na configuração urbana e social, caracterizando também o conceito de enclaves e englobando tudo isso às questões da arquitetura do medo.

O impacto dessa configuração vai, no entanto, além do aprofundamento da segregação socioespacial, limitando a permeabilidade entre os territórios populares e o restante da cidade. A essa formação de enclaves “fora do controle estatal” corresponde, na outra ponta do espectro, a auto segregação das elites e classes médias, gerando – esta também – territórios de exceção. Os chamados “lugares seguros” são espaços fechados e exclusivos, nos quais a multiplicidade da cidade não penetra. São cercados, murados, vigiados por câmaras e protegidos por dispositivos eletrônicos e um exército de seguranças privados. (ROLNIK, 2008).

Uma outra realidade que condiz com a arquitetura do medo, é a criação dos condomínios fechados. Estes são exemplos claros de como os sistemas de proteção contra a violência nas cidades vem trazendo segregação social na atualidade. Segundo Bauman (2009 *apud* NASCIMENTO *et al*, 2012) “O condomínio fechado surge como possibilidade de buscar proteção. Se as cidades são o lugar do perigo, os condomínios seriam uma forma de barrar esse perigo do mundo “lá fora” e se proteger das pessoas que habitam o mundo além muro”. Porém, essa situação traz uma segregação social muito grande, pois as relações interpessoais acabam se tornando muito superficiais, os contatos com o resto da sociedade são sempre bastante minimizados, portanto, quem opta por residir nos condomínios acabam deixando de participar do convívio social, das experiências coletivas, da vida e da cultura urbana no geral. (NASCIMENTO *et al*, 2012).

Os loteamentos fechados associados aos Shopping Centers, complexos de escritórios e outros ambientes com controle privado criam uma nova dinâmica espacial. Criam uma relação de distância e acabam por evitar a cidade. Andar nas ruas deixa de ser uma atividade normal e passa a ser evitada. As ruas deixam de ser espaços sociáveis como também deve ser evitada qualquer surpresa proporcionada relacionada a esta atividade. Esta nova forma de moradia representando a segregação social do espaço urbano é discutida por outros autores. Segundo Serra (1987):

A segregação social do espaço urbano não significa apenas localização diferenciada e separada das diversas classes sociais, mas também dos equipamentos urbanos das benfeitorias e investimentos, dos supermercados e centros de compras, enfim, de todos os equipamentos de consumo. (SERRA, 1987, pág. 173)

Moura (1994) também relata alguns elementos de segregação se referindo à criação dos Shopping Centers:

A implantação dos Shoppings Centers fora do centro expandido vem reforçar, por um lado esta tendência de comércios e serviços também redesenhando a valorização dos terrenos urbanos. Por outro lado, cristaliza e reforça uma determinada forma contemporânea, segura, segregada e excludente de comércio e lazer. (MOURA, 1994, pág. 70)

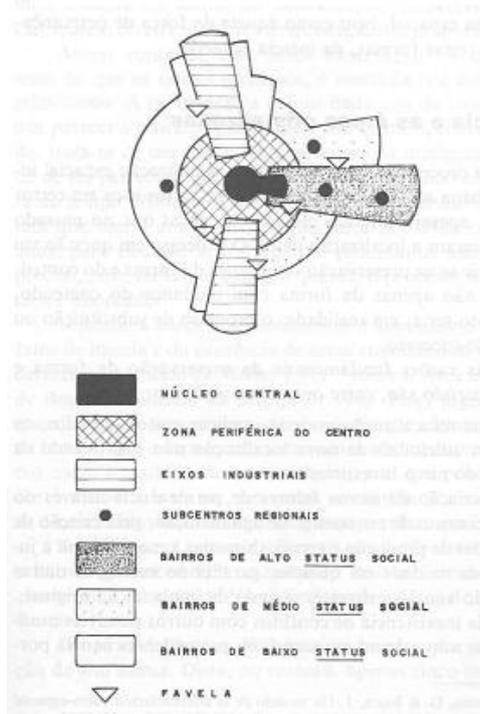
Sobre a situação da criminalidade, em especial sobre os crimes cometidos contra o patrimônio, na cidade de Montes Claros, Gomes (2010) avaliou como esse tipo de crime se manifesta na cidade e mapeou em quais regiões tais crimes são mais frequentes. Segundo Beato e Reis *apud* Gomes (1998) “[...] as taxas de crimes, em especial delitos contra o patrimônio, têm apresentado maior crescimento em contextos onde o desenvolvimento social e econômico são evidentes”. E Montes Claros se encaixa nesse cenário de cidade em desenvolvimento social e principalmente econômico, sendo assim, alvo do aumento da criminalidade, o que traz como consequência, o uso da arquitetura do medo.

### **3 O CASO DE MONTES CLAROS/MG**

Montes Claros é uma cidade com uma área de 3.568,941 km<sup>2</sup> e que possui 361.915 habitantes (IBGE, 2010). A cidade teve sua formação semelhante à formação das cidades coloniais brasileiras, em que famílias de melhor poder aquisitivo construíam suas grandes casas próximas à igreja na praça central, mas com o passar do tempo e o desenvolvimento do comércio, foram se abrindo novas ruas em uma malha reticulada tradicional, levando assim, o comércio a ocupar essa área central, e as residências foram se afastando do centro, para as áreas no entorno. (MOURA E PRATA, 2007)

O estudo de Corrêa (2000) sobre as características e o perfil de formação da cidade latino-americana destaca um esquema de organização espacial adaptado de Mertins e Bahr (1983). (Figura 01).

Figura 01: Esquema de organização espacial da cidade latino-americana



Fonte: Correa, 2000.

O esquema de Mertins e Bahr diferencia a cidade em núcleo central, zona periférica do centro, eixos industriais, subcentros regionais, bairros de alto status social, bairros de médio status social, bairros de baixo status social e favela. O processo de crescimento de Montes Claros e a caminhada das classes sociais mais abastadas para a periferia, os eixos de crescimento e setorização repetem o esquema apresentado.

A auto-segregação das camadas de melhor poder aquisitivo vem afirmando um novo modelo de organização socioespacial da cidade de Montes Claros. Nessa cidade, está se consolidando a implantação de condomínios fechados, devido ao grande aumento do índice de violência urbana e à evasão da área central, que vem se tornando quase que, exclusivamente, uma região comercial. (LEITE, PEREIRA, 2008)

O município, atualmente, possui um índice de criminalidade bem elevado, de acordo com dados fornecidos pela Secretária de Estado de Defesa Social de Minas Gerais. Em março de 2013, Montes Claros ocupava o 5º lugar no ranking mineiro de criminalidade e houve um aumento de 65% no número de crimes contra o patrimônio na cidade, se comparado com o ano de 2012. Algumas regiões de Montes Claros possuem índices mais altos de crimes contra o patrimônio e, conseqüentemente, em tais bairros pode-se notar uma maior modificação na arquitetura e na paisagem urbana por conta de tal fenômeno. Segundo Gomes (2010), o município de Montes Claros concentra o maior número de crimes contra o patrimônio em sua região central e bairros em seu entorno:

Já os crimes contra o patrimônio estão localizados na região central, bairros em seu entorno, bairros com características da região central, privilegiados pelo fenômeno da descentralização dos centros urbanos, onde é maior o fluxo de pessoas e capitais, ou naqueles em que o perfil socioeconômico é maior e que, em tese, dispõem de alvos para a prática de delitos. (GOMES, 2010)

Neste mesmo trabalho, Gomes (2010), catalogou quais são esses bairros da cidade de Montes Claros que concentram a maior quantidade de crimes contra o patrimônio (Figura 02).

Figura 02: Crimes contra o patrimônio nos bairros de Montes Claros/MG

Ordem	Crimes contra a pessoa			Crimes contra o patrimônio		
	Bairros	Percentual	Percentual acumulado	Bairros	Percentual	Percentual acumulado
1	Centro*	7,78	7,78	Centro	19,66	19,66
2	Santos Reis	3,26	11,04	São João	3,25	22,91
3	Major Prates	2,75	13,79	São José	3,07	25,97
4	São João**	2,51	16,30	Major Prates	2,43	28,41
5	Independência	2,43	18,73	Todos os santos	2,12	30,53
6	Jardim palmeiras	2,43	21,16	Maracanã	1,97	32,50
7	Morrinhos	2,41	23,57	Santos reis	1,95	34,45
8	Delfino Magalhães	2,11	25,68	Cidade nova	1,64	36,08
9	Maracanã	2,09	27,77	Edgar pereira	1,58	37,66
10	Edgar pereira*	1,59	29,36	Jardim palmeiras	1,45	39,11
	Demais bairros	70,64	100	Demais bairros	59,89	100,00
	Total	100		Total	100	

Fonte: Gomes, 2010

É possível notar no cotidiano da cidade que, apesar de estar listada em primeiro lugar na tabela, a região central de Montes Claros já não mais possui índices tão altos de crimes contra o patrimônio, pelo fato de a vigilância com câmeras nas ruas centrais estar sendo feita de maneira mais efetiva, o que faz com que a criminalidade saia do centro e parta para bairros onde tal vigilância não acontece. Além disso, os crimes contra o patrimônio não estão mais concentrados apenas nas áreas de classes sociais altas, muitos bairros de classe média e baixa vivenciam esse tipo de crime em seu cotidiano e, conseqüentemente, também estão passando a aderir aos artifícios da arquitetura do medo em sua configuração arquitetônica e urbana.

Observou-se que grande parte da cidade e da arquitetura da mesma está sendo modificada dentro dessa perspectiva da arquitetura da violência. Foram escolhidos para análise visual, dois bairros que mostram essa realidade, um de classe mais alta (Todos os Santos) e outro de classe média (Edgar Pereira).

A partir do mapa da cidade é possível situar onde estão localizados os bairros em que a arquitetura da violência será visualizada e analisada nessa pesquisa. (Figura 03)

Figura 03: Fragmento do mapa de Montes Claros/MG



Fonte: Google Maps

Bairros residenciais de classe alta como o Todos os Santos possuem índices altos de crimes contra o patrimônio, pois são muito visados pelo seu status. Nesse bairro é possível notar que a arquitetura do medo predomina em praticamente todas as residências, sendo utilizada de várias maneiras. Os moradores de tais bairros se sentem mais ameaçados por possuírem um patrimônio mais valioso e acabam optando por muros muito altos, concertinas, cercas elétricas e portões bem seguros. A paisagem do bairro está modificada em relação a alguns anos, quase todas as ruas se transformaram em extensos corredores ladeados pelos grandes paredões que protegem as casas.

Nas imagens a seguir pode-se verificar como uma residência no bairro Todos os Santos era no ano de 1996, com grades baixas, sendo possível visualizar toda a construção, e logo em seguida, como a arquitetura do medo a transformou nos dias atuais.

Figura 04: Residência no bairro Todos os Santos - 1996



Fonte: Moura, 1996.

Figura 05: Residência no bairro Todos os Santos - 2013



Fonte: Arquivo Pessoal

A casa acima (Figuras 04 e 05) se localiza na rua Santa Bernadete no Bairro Todos os Santos. Nas fotos antigas pode-se notar que a residência possuía apenas grades baixas de proteção. Já

nos dias atuais, foi construído um muro envolvendo essas grades e foi colocada uma cerca elétrica em cima do muro, sendo nítida a mudança provocada pela arquitetura do medo.

Alguns outros estudos de casos sobre os efeitos da arquitetura da violência ao longo dos anos em residências de alto padrão também foram avaliados no município. Um deles foi em uma edificação no bairro Jardim São Luiz, que também constitui um bairro de classe alta da cidade de Montes Claros. As imagens a seguir (Figuras 06 e 07) mostram uma residência nesse bairro também no ano de 1996, apenas com grades baixas e nenhum artifício de proteção contra a violência. Já nas fotos atuais percebe-se a presença de cerca elétrica e também de concertinas no alto dessas grades.

Figura 06: Residência no Bairro Jardim São Luiz - 1996



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 07: Residência no bairro Jardim São Luiz - 2013



Fonte: Arquivo Pessoal

Outro exemplo é uma residência na Avenida Mestra Fininha, na região central da cidade. A casa também é uma edificação dos anos de 1970 de alto padrão e teve mudanças consideráveis no âmbito da arquitetura do medo. Pode-se observar, através das imagens abaixo (Figuras 08 e

09), que a casa não possuía proteção quase alguma, simplesmente um muro muito baixo em sua fachada que servia apenas para delimitação da área do terreno. Hoje em dia, observa-se a presença de uma grade acima desse muro, e também cerca elétrica e concertina, mudando bastante a estética da fachada e escondendo a edificação.

Figura 08: Residência na Avenida Mestra Fininha - 1996



Fonte: Moura, 1996

Figura 09: Residência na Avenida Mestra Fininha - 2013



Fonte: Arquivo Pessoal

O exemplo observado em que mais se notou a descaracterização da residência, foi o Secretariado Arquidiocesano de Pastoral na região central de Montes Claros. A edificação que antes possuía apenas uma pequena grade, deixando a vista toda a construção e o jardim, atualmente possui um muro bem alto com cerca elétrica, concertina e duas câmeras de vigilância viradas para a rua (Figuras 10 e 11).

Figura 10: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral - 1996



Fonte: Moura, 1996

Figura 11: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral - 2013



Fonte: Arquivo Pessoal

As imagens a seguir (Figuras 12 e 13) têm a intenção de ilustrar como o aspecto urbano do bairro Todos os Santos também se enquadra nas características da arquitetura do medo. Em quase todas as ruas do bairro, nota-se um grande corredor formado pelos altos muros das casas, tal configuração acaba dando uma sensação de mais insegurança para quem transita por essas ruas, pois não há ligação quase alguma entre as residências e a rua e nem uma forma de contato rápido entre quem está dentro das edificações e quem está no espaço público. Tal fato só aumenta a segregação tanto de quem habita tais casas, quanto de quem frequenta e/ou passa por esses locais.

Figura 12: Bairro Todos os Santos



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 13: Bairro Todos os Santos



Fonte: Arquivo Pessoal

Já no bairro Edgar Pereira, a existência desse tipo de alteração na arquitetura das residências é mais recente, por se tratar de um bairro de classe média e também por ser um bairro mais novo, não tão tradicional quanto o Todos os Santos. Nota-se o uso de cercas elétricas, concertinas e muros altos sendo erguidos nas casas do bairro. Nas imagens abaixo (Figuras 14, 15 e 16) pode-se vislumbrar exemplos de edificações nesse bairro que contam com a arquitetura do medo.

Figura 14: Residência no bairro Edgar Pereira



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 15: Residência no bairro Edgar Pereira



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 16: Residência no bairro Edgar Pereira



Fonte: Arquivo Pessoal

#### 4 REFLEXÕES

A leitura que se faz da cidade de Montes Claros/MG é que os elementos identificados em grandes centros urbanos decorrentes do crescimento demográfico e do aumento da violência se repetem. Observa-se que a chamada arquitetura da violência está de fato crescendo e sendo cada vez mais utilizada na cidade. Com o crescimento da cidade, a violência foi, conseqüentemente, se alastrando e os crimes contra o patrimônio passaram a ser mais temidos pela população, levando-a a aumentar a segurança de suas residências por meio da arquitetura do medo.

Passa-se a questionar, portanto, como a arquitetura da violência tende a evoluir e quais impactos tais mudanças na arquitetura e nas cidades podem ocasionar. É fato constatado que este aumento da violência tem levado as pessoas a modificarem seus hábitos e buscarem novas formas de se proteger.

O crescimento dos loteamentos fechados, a busca por condomínios verticais e horizontais com mais segurança e controle, o esvaziamento de áreas centrais são reações a este aumento da violência somado a outras situações de comportamento. A quantidade de condomínios que vem sendo implantada em Montes Claros é muito alta, e uma das principais causas da procura por esses condomínios é a segurança que eles proporcionam, porém, a cidade muda drasticamente sua forma quando condomínios fechados são construídos, alterando a configuração da cidade e interferindo, de maneira negativa, na malha urbana.

(...) a emergência e proliferação dos loteamentos fechados cria a multiplicação de enclaves urbanos, áreas em que a homogeneidade social e o habitat, designando um padrão de consumo, mostram que o pertencimento dessas áreas à cidade, plural, desigual e perigosa, é negado e justificado pela busca de qualidade de vida e segurança. (SPOSITO, 2003).

A paisagem urbana é um outro fator alterado pela arquitetura do medo. Com todos os artifícios usados para a proteção, a arquitetura acaba perdendo sua função de embelezadora da cidade, deixando o espaço urbano visualmente desagradável e transformando-o em um espaço sombrio e inóspito, onde todos se escondem e vivem tentando se proteger da violência.

Por fim, pode-se constatar que a arquitetura da violência vem para segregar a sociedade, provocar retrocessos, interferir negativamente na forma da cidade e alterar a paisagem urbana. No caso de Montes Claros/MG, vê-se a necessidade de melhorias em segurança pública e de medidas que amenizem a crescente violência, de modo a estagnar ou regredir o uso da arquitetura do medo por parte da população, visto que o fim da violência e a mudança radical na forma como as pessoas lidam com ela são ideais um tanto quanto utópicos na sociedade atual.

#### REFERÊNCIAS

CALDEIRA, T. P. R. Enclaves fortificados: a nova segregação urbana. *Novos Estudos CEBRAP*, no. 47, março, 1997 p.155-176.

CORRÊA, R. L. O espaço urbano. São Paulo: Editora Ática, 2000.

FERRAZ, S. M. T *et al.* Arquitetura da violência: os custos sociais da segurança privada. XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR. Salvador, BA, maio, 2005.

FERRAZ, S. M. T; JORGE, I. C; GONÇALVES, C. Arquitetura da violência: medo, proteção e isolamento. XIII Encontro



Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR.  
Florianópolis, SC, maio, 2009.

GOMES, P. I. J. Reação social e vitimização em Montes Claros/MG: Um diagnóstico do perfil das vítimas de crime e da subnotificação entre junho de 2008 e julho de 2009. Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. Programa de pós-graduação em desenvolvimento social. Montes Claros/MG. 2010.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em:

<<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=314330&search=minas-gerais|montes-claros>> Acesso em: 10 mar. 2013.

LEITE, M. E; PEREIRA, A. M. Metamorfose do espaço intra-urbano de Montes Claros-MG. – Montes Claros, MG: Unimontes, 2008. 208 p.

MOREIRA, C. A indústria do medo e a vida na cidade. *Arquitextos*, São Paulo, ano 03, n. 035.01, Vitruvius, abr. 2003. Disponível em: <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.035/692>>. Acesso em: mar. 2013

MOURA, A. A. P. Alterações Espaciais no Eixo BR-040/Sul como resultado da expansão urbana da região metropolitana de Belo Horizonte, Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial, PUC – MINAS, Belo Horizonte, 2002.

MOURA, A. A. Pereira; HERSMENDORFF e PRATA, M. Morphological Analysis and Urban Intervention in a Piece of Montes Claros: The Conferência Cidade Cristo Rei. International Seminar on Urban Form, Ouro Preto, MG, 2007

NASCIMENTO, D. C *et al.* A violência urbana e sua influência na arquitetura das residências de classe média: O caso de Juazeiro do Norte/CE. VI Encontro Nacional da Anppas. Belém, PA, 2012.

ROLNIK, R. Pactuar o território – desafio para a gestão de nossas cidades. *Princípios revista teórica, política de informação*, 2008.

SERRA, G. O Espaço natural e a forma urbana. São Paulo: Nobel, 1987.

SPOSITO, M. E. B. A cidade dentro da cidade. Uma edge city em São José do Rio Preto. *Scripta Nova. Revista electrónica de geografia y ciencias sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2003, vol. VII n. 146(045). Disponível em: <[http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146\(045\).htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146(045).htm)>. Acesso em: jan. 2013

TAVARES, D. A. Arquitetura da violência: Um estudo sobre insegurança pública em Belém em meio à segregação social e a cultura da barbárie. 3º Encontro da Região Norte da Sociedade Brasileira de Sociologia: Amazônia e Sociologia: fronteiras do século XXI. GT6: Democracia, violência e conflitos sociais. Manaus, AM, 2012.